



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 6- Educação e suas Tecnologias

QUEM SOU EU NA REDE? : ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES SOBRE INCLUSÃO DIGITAL DE JOVENS DA PERIFERIA DE RECIFE

Rayanne Angela Albuquerque dos Santos - UFPE
Maria Auxiliadora Soares Padilha - UFPE

Resumo

O tema sobre inclusão digital tem sido objeto de muitas discussões atualmente. Diversas ações e projetos são editados para fazer com que grande número de jovens sejam beneficiados e tenham acesso às tecnologias. Porém não apenas deve-se garantir acesso a computadores e internet, é necessário também possibilitar que eles utilizem essa linguagem compreendendo-as, interpretando-as, criticando-as e produzindo-as. O letramento digital é necessário para ultrapassar uma perspectiva apenas decodificadora da realidade. O objetivo deste artigo é identificar e compreender as percepções de jovens da periferia de Recife sobre a possibilidade de sua inclusão digital a partir da produção e socialização de materiais digitais, através de suas participações em atividades do projeto extensão desta universidade. Para isso realizamos grupos focais durante as oficinas do projeto de extensão e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados mostram uma forte relação entre: acesso ao computador e qualificação profissional, atribuindo aspectos apenas técnicos. Entretanto é necessário esclarecimento sobre as possibilidades de inserção social que a inclusão digital pode proporcionar para esses jovens.

Palavras-Chave: Inclusão Digital; Jovens; Periferia; ações e projetos.

Introdução

Inúmeras discussões sobre questões contemporâneas, a exemplo da Cibercultura, são apresentadas atualmente, levando em consideração o contexto cultural e as relações sociais, econômicas e políticas que tecem as redes afetivas/cognitivas do conhecimento no que tange a tecnologia e educação. Nessas discussões, o grupo social mais analisado é o de jovens, no entanto, ao mesmo tempo em que eles são a maioria dos integrantes que compõem o ciberespaço, eles nem sempre são considerados incluídos digitais aos olhos de muitos autores, no sentido de ter acesso a tecnologia.

Analisando a inclusão digital como um aspecto, dentre outros, necessários para a inclusão social dos sujeitos, esta pesquisa (que está inserida num Projeto de Extensão maior), visa contribuir para a construção de uma rede de aprendizagem colaborativa, através da interpretação, produção e distribuição de textos digitais em várias mídias

(animações, vídeos, áudios, textos, hipertextos, etc) por jovens da periferia das cidades de Recife e Olinda. Os espaços para realização desse projeto são: bibliotecas comunitárias e escolas públicas de Recife e Olinda. Para realização das produções dos jovens realizaremos oficinas nas bibliotecas comunitárias e escolares, com os jovens que frequentam estes espaços.

O programa apresenta em sua composição módulos que podem contribuir para uma melhor construção do conhecimento sobre inclusão digital, realizando oficinas de blog, roteirização, áudio digital, animação digital, vídeo digital. Essas oficinas visam proporcionar uma visão crítica, criativa, interpretativa e produtiva de materiais digitais, com vistas à inclusão dos jovens no mundo da produção digital e, assim, colaborar para uma maior inserção digital desses. Além disso, as oficinas pretendem incentivar os participantes a promoverem novas oficinas para os demais jovens da comunidade.

Assim, este artigo tem por objetivo apresentar os resultados iniciais de um estudo de iniciação científica que tem por finalidade identificar e compreender as percepções de jovens da periferia de uma escola do município de Recife sobre a possibilidade de sua inclusão digital a partir da produção e socialização de materiais digitais. Além de identificar a concepção de inclusão digital dos jovens participantes do Projeto de Extensão vinculada a esta universidade. Os dados foram coletados na realização do Programa em uma escola municipal de Recife, com crianças e jovens do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Ao identificar essa percepção desses jovens também procuraremos compreender sua relação com a produção de materiais digitais e a possibilidade de sua inclusão digital. No entanto, este resultado só será apresentado de forma mais aprofundada a partir da coleta de todos os dados que serão expostos no relatório final desta pesquisa.

Proporcionando o impacto da produção, atuação e propagação do jovem nas redes informacionais e culturais do conhecimento gerando rizomas e bricolagens. Pierre Lévy (1999) aborda o movimento social da cibercultura em que reconhece a juventude como grupo líder de sua propagação:

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes (p.123).

Os jovens são, portanto, atores históricos no crescimento da comunicação na implementação de um espaço de encontro, de compartilhamento e de intervenção coletiva, ou seja, o reconhecimento do ciberespaço como prática de comunicação interativa.

Inclusão Digital: o que é? Como se faz?

A inclusão digital é apontada atualmente como condição fundamental para o desenvolvimento de qualquer cidadão, uma vez que nos dias de hoje ela se tornou quase um pré-requisito para a participação na vida pública. Ela assume um papel de destaque na vida social a partir do momento que possibilita o exercício do cidadão de compreender seus direitos e deveres na tentativa de incluir um sujeito digitalmente, não apenas "alfabetizá-lo" em informática, mas sim fazer com que o conhecimento adquirido por ele sobre seja útil para melhorar seu quadro social.

Acreditamos que somente colocando um computador na mão das pessoas ou vendê-lo a um preço menor não é, definitivamente, proporcionar a inclusão digital. Demo (1995), "define cidadania como raiz dos direitos humanos" (p.71). Dessa maneira podemos ver a importância da inclusão dos jovens na formação para a construção de uma nova realidade global, considerando a inclusão digital como um aspecto importante na cidadania atualmente, visto que é a linguagem e o lugar onde ocorrem muitas das atuações sociais, políticas, econômicas e culturais da nossa sociedade informacional.

Warschauer (2006) parte da premissa de que "a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso da nova tecnologia de informação e comunicação é decisivo para a inclusão social na época atual" (p.25). Ele faz uma profunda reflexão sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação as (TIC) e compreende que não basta querer melhorar a vida das pessoas fornecendo computadores e conexões a internet. Para que a tecnologia faça a diferença é necessário levar em consideração a língua, o conteúdo, o letramento, a educação e suas estruturas.

Ser incluído digitalmente pressupõem questões abrangentes carregadas de influencia em bases humanísticas. Visto que a inclusão digital proporciona diversas questões como a ética, moral e os valores, dentre outros. Isso acaba oportunizando a conquista de uma cidadania digital, uma vez que esses fatores possam para a formação de uma sociedade mais igualitária para todos. No entanto, para que isso ocorra é necessário o desenvolvimento de políticas publicas que estimulem essas questões.

Silveira (2001), ao defender a inclusão social na sociedade, afirma que ela é “fundamental não apenas por motivos econômicos ou de empregabilidade, mas também por razões sociopolíticas, principalmente para assegurar o direito inalienável à comunicação” (p.30).

A inclusão digital é tão importante quanto outras políticas sociais. Por isso, é necessário que as camadas socialmente excluídas tenham acesso à informação, tanto quanto qualquer outro extrato social, mas para que este acesso seja profícuo para os sujeitos, é necessária uma orientação para o uso adequado das tecnologias e das informações que, em geral, as camadas mais populares são também alijadas. A construção de coletivos sociais capazes de qualificar as pessoas para a nova economia é um importante passo a ser desenvolvido. Esses coletivos sociais serão pessoas, capazes de participar da nova economia e das novas formas de sociabilidade utilizando ferramentas para a produção e compartilhamento de conhecimento, para assim exigir seus direitos, alargar a cidadania e melhorar as condições de vida.

Deve-se considerar que ações de inclusão digital são importantes para a redução da miséria favorecendo para a nova economia mão-de-obra capacitada. Pois querendo ou não, muitas organizações da sociedade estão baseadas no uso do computador, seja para concretizar sofisticadas negociações entre empresas, ou para realizar pequenas tarefas da vida cotidiana. Sendo preciso qualificar essa mão-de-obra para acompanhar o desenvolvimento da tecnologia, para não aumentar ainda mais a exclusão social pela exclusão digital.

Na opinião de Silveira (2001):

[...] a exclusão digital impede que se reduza a exclusão social, uma vez que as principais atividades econômicas, governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade vão migrando para a rede, sendo praticadas e divulgadas por meio da comunicação informacional. Estar fora da rede é ficar fora dos principais fluxos da informação. Desconhecer seus procedimentos básicos é amargar a nova ignorância. (p.18)

Mas mesmo com o fenômeno do acesso à rede, crescente em todos os níveis sócio-econômicos, sua abrangência ainda se reflete muito mais nas camadas mais privilegiadas da sociedade. Isso ocorre, principalmente, pela má distribuição de renda, pela pobreza que gera uma exclusão social e também pela dificuldade de acesso ao conhecimento. (SANTANA; PADILHA, 2011).

Cazeloto (2008) discute a inclusão digital e sua reprodução nos dias de hoje fazendo um estudo aprofundado sobre o significado histórico e cultural dos Programas Sociais de Inclusão Digital (PSID). Ele os define como um conjunto de iniciativas para a disseminação do uso de ferramentas da informática entre grupos sociais que se sentem aliviados do acesso as tecnologias digitais, principalmente por razões econômicas.

Em outras palavras, os PSID não anulam a condição de submissão concreta dos grupos marginalizados (embora possam, eventualmente, produzir casos isolados e excepcionais na escala do indivíduo), mas deslocam essa submissão para o interior de um novo arranjo do capitalismo: a cibercultura (CAZELOTO, 2008, p. 100).

Esses programas são analisados por ele no contexto vigente de reestruturação do capitalismo e das relações hierárquicas internacionais. Além de ter como base teórica a área de comunicação, visto que as relações capitalistas contemporâneas servem de criação e circulação de signos como forma de apropriação de valor.

Porém, o grande problema visto pelo autor (CAZELOTO, 2008) está no fato da apropriação de técnicas digitais possibilitadas pelos PSID não atingirem os seus objetivos, fazendo com que ocorra, na verdade, de uma inclusão subalterna, promovida pelos próprios programas como forma de valorizar os produtos da cibercultura pela exploração intensiva de mão-de-obra específica do capitalismo contemporâneo.

Por ultrapassar essa perspectiva é necessário adaptar uma proposta que tenha em sua essência a construção da formação de um indivíduo visto como um coletivo social, entendendo-se como tal, não só se apropriando dos aspectos técnicos, mas sendo levado para uma formação que proporcione um letramento digital.

Observamos, portanto, que a realização de Projetos e Programas de Inclusão Digital proporcionam, muito mais, a inserção ou adequação dos sujeitos na organização social vigente, numa perspectiva muito mais mercadológica do que emancipadora. É assim que se tem feito, na maioria dos casos, a inclusão digital nesses projetos.

E, neste sentido, o que se pretende é ampliar essa perspectiva, tentando proporcionar aos jovens o espaço e a possibilidade de produzir suas próprias narrativas digitais, expondo suas ideias e usando os meios de informação e comunicação para atender não apenas os interesses externos do mercado capitalista, mas também os seus anseios de publicização de suas ideias e o atendimento de seus interesses pessoais e coletivos.

Jovens e Percepção de Inclusão Digital

Novos contextos sociais determinados pelo ciberespaço acabam construindo códigos e signos que servem para modelar novas identidades, especialmente nos grupos de jovens. Atualmente podemos observar que inúmeras são as referências que cada jovem pode ter na sua vida diante do vasto mundo da comunicação. O autor Jesus Martín-Barbero (2002) afirma que os jovens de hoje não possuem uma percepção clara aos modelos de socialização comuns, conhecidos ou próximos a eles, ou seja, os pais, a escola, o livro deixaram de ser padrões eixo de condutas, de lugar onde o saber acontece, de cultura, respectivamente.

Para este autor, os meios digitais são os principais responsáveis pelos processos de socialização dos adolescentes na contemporaneidade. Pois ele acredita que a cultura da tecnologia, se estender desde a informação absorvida pelo adolescente em relação à televisão até à maneira fácil ao lidar com a complexidade das redes informáticas, pondo em jogo uma nova sensibilidade feita de uma dupla cumplicidade cognitiva e expressiva.

Chagas (2011) afirma que “dessa forma, a cibercultura não somente altera comportamentos, mas também faz surgir um ecossistema comunicativo, e essa cultura acentua-se mais nos jovens, pois esses vivenciam com “naturalidade” as transformações da revolução eletrônica, pois são nascidos e criados nesse meio”. Sendo assim, as mutações ocorridas com a juventude decorrente do universo tecnológico e das redes eletrônicas são cada vez mais crescentes. Todavia, o jovem deve ter cuidado com essas inúmeras possibilidades de informações sabendo construir determinados “filtros” de informação. Para não se afogar no que Pierre Lévy (1999) chama de “dilúvio de informações”.

O curioso está no fato em observar se os programas de inclusão digital têm essa preocupação com os jovens, ou seja, não deixá-los à deriva no universo informacional que a rede proporciona. Pois, como afirma Chagas (2011), quando um projeto de inclusão digital tem como clientela jovens participantes e funciona dentro de uma escola pública, será que não seria o momento da escola abrir-se à multiplicidade de scripts, linguagens e conhecimentos disponíveis na cibercultura? Analisando os fatos acredito que chegamos ao momento da escola manter uma “nova relação com o saber”, como Pierre Lévy (1999) indica, auxiliando o ingresso da juventude neste universo técnico-social.

Ao discutir sobre inclusão digital e sua relação com os jovens, concluímos que essa discussão, na maioria das vezes, volta-se mais fortemente pra questão da profissionalização e capacitação profissional dos jovens. Investimentos para mão-de-obra qualificada são os objetivos de muitos projetos que tem como base a inserção de jovens que atenda os requisitos solicitados para o bom funcionamento de sua instituição. A formação de cidadãos através da inclusão digital levando-os a refletir sobre sua relação profissional com outros aspectos de sua vida são deixados em segundo plano. Incluir os jovens nessa relação é uma caminha para construir e modificar a realidade existente em alguns lugares.

Cassab (2001) traz reflexões sobre a grave situação de jovens pobres urbanos na sociedade brasileira analisando principalmente como esses personagens são constantemente vigiados. A crise vivenciada por esses jovens são observados nos altos índices de homicídios nesta faixa etária, na exclusão do sistema educacional, na violência nos centros urbanos e nas limitações de sua inclusão no mercado de trabalho.

A autora afirma que talvez esse grupo etário, nesse segmento social, é uma das principais vítimas que sofrem com a violência. Toda essa situação é muito dura, na medida em que condena o sujeito por ser ele o que é. Uma condenação particularmente visível nessa faixa etária, em várias situações e contextos sociais.

Contudo, mesmo com essa difícil situação esses jovens não são passivos diante dessas circunstâncias que enfrentam isentos de responsabilidades e sem qualquer alternativa. Eles mostram isso no convívio e em atividades em várias instituições que os atendem na sua luta para escapar da exclusão social.

Porém um grande fator que atrapalha ainda mais essa situação está na negatividade que esse jovens trazem de suas experiências de vida que parece ser mais ressaltada do que as possibilidades de afirmação. Por isso é necessário ampliar as experiências de vida desses jovens. Sendo importante desenvolver sua visão de sujeito, pois assim “Este sujeito, marcado pela historicidade, constrói-se em um universo de cultura e só pode ser pensado como um ser relacional. Ele é essencialmente político, pois está permanentemente produzindo sua vida material e a si próprio, sua subjetividade, em suas relações com outros sujeitos” (CASSAB, 2001 p.11).

No entanto, existem grandes limitações para democratizar a informação, não desconsiderando a importância das políticas de universalização de acesso. E, como vimos, os conhecimentos básicos sobre informática atualmente são essenciais para a

busca de emprego e de outros aspectos na vida de qualquer sujeito e, principalmente de um jovem. Mas, não são os únicos conhecimentos necessários.

Sendo assim, enfrentar a exclusão digital supõe confrontar também a exclusão escolar. Por isso as políticas de universalização do acesso à internet só poderão se efetivar realmente se essas políticas estiverem associadas a outras políticas sociais, principalmente, à formação escolar.

A luta pela inclusão digital é uma luta contra o tempo. As novas tecnologias da informação aumentam cada vez mais a desigualdade social de modo que a universalização do acesso não é mais do que a luta por renivelar as condições para o mercado de trabalho. Com um novo perfil a economia e os novos empregos obrigam as políticas públicas a trabalharem ao mesmo tempo, com diferentes setores sociais e com um ritmo desigual para essa universalização.

Uma política de universalização do acesso à Internet deve ter como objetivo prioritário a rede escolar, único local onde pode ser efetivamente atingido o conjunto da população. Como a pesquisa também indica, o local de trabalho é um fator importante de inclusão digital. Desse modo, políticas de inclusão digital deveriam criar incentivos para aumentar o número de empresas usuárias de informática e Internet que oferecessem cursos de computador e Internet para todos os seus empregados (SORJ; GUEDES, 2005, p.19).

As políticas de inclusão digital devem criar incentivos para aumentar o número de empresas usuárias no setor de informática e também devem incentivar o papel da escola como um dos lugares que possibilite a introdução de seus alunos ao uso desses instrumentos, mas não o único lugar para ser feito. Pois as políticas públicas de universalização de acesso devem criar soluções criativas para proporcionar serviços às comunidades mais pobres como os realizados em empresas, associações comunitárias e ONGS.

É nesse sentido que o Programa de Extensão utilizado neste estudo, como campo de pesquisa, busca aproximar a inclusão digital de jovens nos espaços de bibliotecas comunitárias e escolares, visto que nestes espaços, a formação desses jovens é prioridade.

Metodologia

Nesse estudo vamos nos apoiar na pesquisa qualitativa por ter o objetivo de compreender a problemática da inclusão digital e social que surge no campo social que,

segundo Laville e Dione (1999) significa “conhecer as motivações, as representações, considerando os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis” (p.43).

Compreendendo inclusão digital como um aspecto dentre vários outros necessários para a inclusão social dos sujeitos, o projeto de extensão que é campo dessa pesquisa visa contribuir para a construção de uma rede de aprendizagem colaborativa, através da interpretação, produção e distribuição de textos digitais em várias mídias (através de oficinas de blogs, animações, vídeos e áudios digitais) por jovens da periferia das cidades de Olinda e Recife. Os espaços para realização desse projeto são: as bibliotecas que compõem a Rede de Bibliotecas Comunitárias, e Escolas públicas de Olinda e Recife.

Para identificação das concepções dos jovens sobre Inclusão Digital e sua percepção acerca da possibilidade de sua inclusão digital a partir da produção e socialização de materiais digitais realizamos 1 grupo focal com ao final das oficinas do projeto de extensão e aplicação de questionários eletrônicos semi-abertos. Os questionários eletrônicos foram realizados através do formulário GDocs¹ que foram compartilhados com os alunos, por email. Além disso, também realizamos entrevistas semi-estruturadas com os jovens da escola, participantes das oficinas do Programa de Inclusão Digital numa escola municipal do Recife. Os participantes dessas oficinas frequentavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Foram 18 jovens que realizaram as oficinas de blog, animação, áudio e vídeo num período entre maio e junho de 2012, no contraturno de suas aulas e aos sábados de manhã, quando funciona na escola o Projeto federal da “Escola Aberta”. Utilizamos o laboratório de informática da escola e apenas softwares livres, considerando um dos princípios do programa de extensão em tela (PADILHA; ABRANCHES, 2012).

A utilização de grupos focais com os jovens se justifica por ser uma técnica que busca informações do próprio grupo, usando para isso a integração e interação coletiva. Além disso, “um grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto” (GATTI, 2005, p 9). Realizamos os

¹ O Google Docs é um pacote de aplicativos do Google baseado em [AJAX](#). Funciona totalmente on-line diretamente no [browser](#). Os aplicativos são compatíveis com o [OpenOffice.org/BrOffice.org](#), [KOffice](#) e [Microsoft Office](#), e atualmente compõe-se de um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários. Originalmente, o processador de texto foi desenvolvido à parte, sob o nome *Writely*, e comprado pelo Google meses depois. Alguns dos recursos mais peculiares são: a portabilidade de documentos, que permite a edição do mesmo documento por mais de um usuário e o recurso de publicação direta em blog. Os aplicativos permitem a compilação em PDF. http://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Docs.

grupos antes e ao término da Oficina de blog. Como uma forma de aproximação e integração com esses jovens, durante essas rodas de conversas utilizamos gravações de pequenos vídeos onde discutíamos o que foi aprendido na oficina. A entrevista individual foi semiestruturada, possibilitando ao pesquisador levantar questões à medida que surgem dúvidas sobre as respostas dos sujeitos. Nas entrevistas o objetivo é compreender a percepção dos jovens sobre a sua própria condição de inclusão digital e a relação desta com as produções realizadas nas oficinas. Proporcionando o impacto da produção, atuação e propagação do jovem nas redes informacionais e culturais do conhecimento.

Resultados e discussões

A intervenção do Projeto de Extensão foi realizada em uma escola municipal na cidade de Recife que atende crianças e adolescente da periferia da região. O grupo de alunos participantes das oficinas foi definido por um professor da escola, e se encontravam entre o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, com idades entre doze (12) a dezesseis (16) anos. Nesta intervenção foram coletados os dados de nosso estudo, onde dezoito (18) jovens responderam aos formulários eletrônicos quatro (4) participaram do grupo focal e quatro (4) responderam as entrevistas semiestruturadas.

O formulário eletrônico nos permitiu fazer um levantamento do perfil dos alunos participantes em relação ao uso do computador e da internet, além das suas perspectivas de inclusão digital, que serão discutidos neste momento.

Os jovens eram distribuídos em nove (9) do sexo masculino e nove (9) do sexo feminino. Um (1) já havia concluído o ensino médio, oito (8) estavam no 9º ano, um (1) no 6º ano e oito (8) no sétimo 7º ano. Dois (2) afirmaram trabalhar, enquanto que dezesseis (16) ainda não trabalham.

Perguntamos com que frequência eles usavam computadores e quatro (4) responderam todos os dias, nove (9) responderam de três a seis vezes por semana e cinco (5) responderam uma a duas vezes por semana. Este resultado sobre a questão de acesso foi bastante curioso, sendo possível observar durante as oficinas realizadas que nos momentos de produção digital, grande parte dos jovens tinha facilidade no manuseio do computador, além de percebermos que praticamente todos participavam sendo usuários das redes sociais veiculadas a internet.

Quando questionamos o lugar de acesso à internet tivemos variadas respostas como: sete (7) responderam em casa e na escola, oito (8) responderam na lan house,

cinco (5) responderam na casa de parentes e amigos e três (3) responderam que acessavam pelo celular.

Através do questionário eletrônico perguntamos o porquê da participação no projeto e das oficinas, oito (8) responderam que participaram da oficina para se qualificarem profissionalmente, um (1) respondeu para usar a internet, dois (2) responderam para aprender a usar o computador, um (1) respondeu que para melhorar seu desempenho na escola e sete (6) responderam para aprender a criar texto, vídeos, ou áudio usando o computador.

Podemos analisar através desses números, o forte pensamento que as oficinas têm sobre esses jovens numa perspectiva de qualificação profissional. Eles acreditam que ao ter acesso, ao saber manusear e ao utilizar a tecnologia, automaticamente, estarão incluídos digitalmente. Entretanto esta visão desconsidera outros aspectos necessários a uma inclusão digital como uma dimensão cognitiva, política e social.

Nas suas respostas sobre o que eles achavam ser inclusão digital? Muitos responderam que não sabiam, ou que nunca haviam escutado falar sobre isso. Outros responderam que “é incluir todos na rede de computadores”, “poder saber mexer nos computadores para usar na escola” ou “é ter acesso ao computador para no futuro encontrar um trabalho”, “é se qualificar para uma profissão” e também responderam que “eu acho que é direito de todos ter acesso ao computador”. (Respostas dos entrevistados)

Dentre as respostas podemos concluir que muitos jovens acabam limitando a inclusão digital enquanto acesso e uso do computador e internet. Observando a partir dessa resposta o grande valor que é atribuído, exclusivamente para os aspectos técnicos e não outros aspectos necessários para uma inclusão digital mais efetiva. Não são analisados, outros aspectos como, por exemplo, aspectos cognitivos.

Existe ainda um forte pensamento de que as oficinas ajudarão em uma futura qualificação profissional, pois eles acreditam que possibilitando sua inserção digital sua atuação no mercado de trabalho será alcançada, bem como sua inclusão social. Porém não podemos restringir as inúmeras funções que inclusão digital proporciona para a sociedade. Cazeloto (2008) em sua discussão sobre uma inclusão digital através de uma visão crítica afirma que: “a inclusão digital não pode ser associada mecanicamente à inclusão social, nem ao desejo de igualdade” (CAZELOTO, 2008, p.149). Sendo necessário superar as dicotomias “inclusão/exclusão” social e digital.

Perguntamos aos jovens no grupo focal sobre o que eles esperam dessas oficinas realizadas pelo projeto de extensão na sua escola? E observamos, dentre as diversas respostas, muita expectativa sobre o que essas oficinas iriam proporcionar para eles, destacamos algumas respostas como: “eu espero aprender a aprimorar meus conhecimentos e aprender coisas novas” ou “a ter um bom desempenho melhor na escola e futuramente no trabalho” e respostas como “eu espero me incluir”.

Notamos que, dos quatro (4) jovens participantes, três (3) acreditam que a inclusão digital iria proporcionar uma melhoria na sua qualidade de vida e possibilitar a inserção e melhor atuação deles no mercado de trabalho. É preciso, no entanto, estar atento que não só uma formação técnica irá proporcionar que cada sujeito seja realmente incluído digitalmente.

Dagnino (2004) ao explorar o processo sobre as tecnologia sociais e seus desafios, explica um pouco sobre a ação da tecnologia convencional (TC), essa tecnologia apresenta algumas características mais voltadas ao desempenho da formação de uma mão-de-obra capacitada fazendo referencia desde o inicio de seu surgimento em dados fornecidos pela história. Conforme a maioria das respostas dos participantes tanto dos questionários eletrônicos, grupos focais e entrevistas semiestruturadas se torna evidente a relação que muitos indivíduos possuem ao terem acesso às tecnologias, ligando-as a uma melhor habilitação no preenchimento de seu currículo. Isto porque a ação da tecnologia convencional (TC) maximiza a produtividade em relação à mão-de-obra ocupada e implica que se esteja sempre considerando mais produtiva uma empresa que diminui o denominador da fração produção por mão-de-obra ocupada (DAGNINO, 2004 p.4). Isso nos leva a compreender o forte pensamento desses jovens que estão ainda presos a esse tipo de formação apenas voltada na capacitação profissional sem nenhuma perspectiva que os leve ir além dessa função.

Nas entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro (4) jovens participantes das oficinas perguntamos sobre como poderiam avaliar as oficinas se as mesmas iriam ajudar ou dificultar em relação a vida de cada um, como exemplo na escola ou em outros ambientes. Um (1) jovem respondeu que “vai me ajudar a encontrar um emprego e usar o que eu aprendi nele”. Dois (2) participantes não souberam me responder e apenas um (1) aluno respondeu que “ajudaria na escola, em algumas tarefas e trabalhos e para no futuro encontrar um emprego”.

Assim concluímos que os resultados apresentados demonstram que os jovens nas oficinas do projeto de extensão possuem acesso ao computador e internet e são

ativamente participantes das redes sociais. Acreditam em sua maioria que inclusão digital esta relacionada a qualificação profissional, e compreendem que o aprendizado nas oficinas será utilizado no futuro em um emprego. Levá-los a uma compreensão de inserção social através da inclusão digital atinge dimensões cognitivas, políticas e sociais ainda deve ser trabalhado com esses jovens. O amadurecimento da idéia de que essas tecnologias contribuirão para algo que vai além do que geralmente são atribuídas, é o primeiro passo nessa caminhada. Por isso deve-se estimular cada vez mais discussões, debates a respeito sobre a importância que as mídias digitais possuem na vida de cada individuo e o que elas podem beneficiar, além do aspecto técnico e instrumental que freqüentemente são limitadas.

Algumas Considerações

Consideramos muito importante desenvolver uma compreensão mais fundamentada dos limites e possibilidades desta temática para a comunidade acadêmica. Os resultados da pesquisa proporcionarão uma melhor compreensão das expectativas e usos que os jovens fazem das potencialidades digitais na sociedade cibercultural. Isso é importante principalmente para que os seus educadores compreendam as melhores possibilidades educativas das redes e das tecnologias, articulando suas concepções e metodologias para atingir os objetivos educacionais.

Com isso alguns resultados da pesquisa de campo já foram alcançados apresentando um conjunto de informações significantes para o entendimento melhor desta temática de estudo.

Porém mesmo assim dentre tantos desafios importantes para o crescimento da pesquisa analiso que muito ainda falta a ser feito. De acordo com SANTANA (2011) é necessário que se pensem políticas públicas que busquem uma efetiva inclusão digital, indo além do simples acesso às TICs, articulando estratégias mais amplas, no sentido de uma inclusão social.

Alcançar um envolvimento maior sobre esses jovens adotando uma amplitude que não só envolva o manuseio as tecnologias é um passo essencial, porém deve ser feito de maneira que busque um conhecimento maior sobre suas utilizações. As perspectivas para que esse jovem inicie sua caminhada tomando uma postura que os leve a compreender seu papel como cidadão em meio a sociedade possibilitará o mesmo a ter um novo olhar sobre os meios digitais, onde não só apenas a formação técnica será o principal comprometimento, sem dúvida se inserir socialmente e digitalmente será algo de maior

intensidade. As tecnologias podem contribuir na capacitação curricular de um indivíduo, mas também oferecem inúmeros subsídios para uma formação mais humana, para a conquista de uma cidadania digital.

Referências

- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza.** Niterói: Intertexto, 2001.
- CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital: uma visão crítica.** São Paulo: Ed. SENAC, 2008.
- CHAGAS, Maria Neuza Pedrosa. **Projeto informática para a comunidade: uma perspectiva de inclusão digital sob o olhar dos alunos participantes.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica. UFPE: Recife, 2011.
- DAGNINO, Renato. A tecnologia social e seus desafios. In: **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida.** Campinas: Autores Associados, 1995.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed, 1999.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvenes: comunicación e identidad. Pensar Iberoamérica: **Revista de cultura.** N.0, Fev. 2002. Disponível em <<http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2009.
- PADILHA, Maria Auxiliadora Soares; ABRANCHES, Sérgio Paulino. **Proi-digit@l: espaço de criação e compartilhamento para inclusão digital de jovens da periferia de Recife, Olinda e Caruaru.** Recife, 2012, no prelo.
- SANTANA, Flávia Barbosa Ferreira de e PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. **Compreensão de inclusão digital na visão de jovens da periferia do recife: uma perspectiva ainda instrumental.** Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco/EPEPE, 2010.
- SANTANA, Flávia Barbosa Ferreira de e PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. Inclusão digital na escola itinerante de informática da prefeitura do Recife: possibilidades de inclusão social na periferia. **Revista Ciências e Ideias.** V. 3, N.2 - Outubro/2011-Março/2012.
- SANTANA, Flavia Barbosa Ferreira de. **A escola itinerante de informática da prefeitura do Recife: instrumento da inclusão digital subalterna ou emancipatória (?).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e

Tecnológica. UFPE: Recife, 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SORJ, Bernardo e GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão Digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. In: **Novos Estudos**, n.º 72, julho 2005, pp. 101-117.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão social em debate. São Paulo: Editora SENAC, 2006.